

# O olhar da imprensa cabo-verdiana sobre os países de língua portuguesa

FERNANDO ORTET

(Doutorando da Universidade de São Paulo e jornalista caboverdeano)

Nas últimas semanas de agosto, a mídia brasileira (*Folha de S. Paulo* e a Rede Globo, com o seu programa "Fantástico") abordou, em reportagens de algum destaque, certos aspetos da realidade de Cabo Verde, país que junto com Portugal, Brasil, Angola, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, forma, desde julho de 1996, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, a CPLP.

A difusão de reportagens deste tipo sobre países que desde 1500 comungam da mesma história, língua e cultura que o Brasil é de grande importância para permitir aos brasileiros um melhor conhecimento sobre o que acontece em outros cantos do mundo, onde o Brasil, além de ser uma referência algo mitológica, é também admirado e seguido com atenção e paixão.

É esta admiração e paixão pelo Brasil, experimentados em Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, devido ao fato das gerações no poder terem veiculado a imagem do Brasil tanto na mídia, na escola, nas igrejas, como em outros aparelhos do estado e da sociedade, que poderão, também, começar a nascer e florescer neste país com a circulação de informações sobre o mundo lusófono que despertem a curiosidade dos brasileiros.

O projeto da CPLP saíria reforçado se atitudes idênticas às da *Folha* e da Globo, outras vezes também assumidas pelo *Estado de São Paulo* e *Jornal da Tarde*, fossem manifestadas com maior frequência por outros veículos do Brasil e dos outros países lusófonos.

A imprensa cabo-verdiana foi uma das que desempenhou, desde a altura em que esse país se tornou independente, um papel de aproximador dos seus tecidos sociais aos dos outros povos de língua portuguesa. É isto, não como algo ocasional. Uma pesquisa desenvolvida sobre o período compreendido entre 1975 e 1990, com particular ênfase nos anos que antecederam e sucederam 1982 e 1989<sup>1</sup>, mostra que, realmente, os países de língua portuguesa ocupam um lugar especial no imaginário cabo-verdiano.

<sup>1</sup> Nestes dois anos realizaram-se na cidade da Praia, Capital de Cabo Verde, duas reuniões do grupo dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), também conhecido pelo Grupo dos Cinco.

## CPLP supera G7 e UE na imprensa cabo-verdiana

Uma primeira aproximação aos resultados da pesquisa revela uma contradição em relação à prática jornalística de conceder uma cobertura desproporcional quanto a espaço, tempo e qualidade em favor dos acontecimentos ocorridos nos países detentores do capital.

Em vez disso, no jornal cabo-verdiano *Voz do Povo* (órgão do Estado e o mais importante veículo de comunicação entre 1975 e 1992), do espaço total da redação internacional, 14% couberam ao conjunto Brasil-Portugal, 11% aos outros quatro países africanos de língua oficial portuguesa, 20% ao conjunto dos países do "Grupo dos Sete" e da antiga Comunidade Econômica Européia, enquanto que 44% couberam aos restantes países do globo terrestre.

Confrontado com esses dados da pesquisa, o ex-diretor do VP, Alfredo Carvalho Santos considerou que "essa questão do tratamento dos PALOP é uma coisa que eu penso ser natural, tendo em conta que têm um passado recente de luta comum. No seio dos jornalistas, até havia um sentimento revelador de que as coisas de Angola, Moçambique, São Tomé e Guiné-Bissau, como é natural, tocavam-nos muito mais do que as de Zimbábue ou do Quênia ou outro país mais distante. Uma coisa em relação a Moçambique tocava, e acho que ainda toca-nos muito mais. Havia essa tendência natural".<sup>2</sup>

Por sua vez, ao comentar os resultados da pesquisa, o ex-ministro da Informação, Cultura e Desporto, David Hoppfer Almada, disse que, no nível dos governos dos PALOP, "havia uma preocupação e um interesse estratégico em manter a cada país do grupo informado sobre o que se passava no outro país lusófono da África". Era a forma encontrada para manter e estimular a unidade e a solidariedade entre os Cinco.

Além da distribuição da mancha gráfica, o que chama atenção na pesquisa é o fato de que, entre os temas abordados, as "guerras e catástrofes naturais", de maior destaque quando os mídia abordam assuntos africanos e do terceiro mundo, ter ocupado a sexta posição, com apenas 4% do espaço. Este foi superado pela área ocupada por política (42%), cultura, cooperação e esportes (12% cada) e economia (8%).

Igualmente, sobressai o fato de que no concernente aos agentes sociais da informação, o governo e os partidos políticos (partido único em cada PALOP), assim como as personalidades públicas ocuparem no conjunto o total de 83% do espaço (19% para as últimas e 64% para os primeiros), enquanto que o homem comum ocupou apenas 4% do espaço global do jornal.

Estes dados revelam, de forma inequívoca, a existência de um compromisso editorial do VP com o lançamento de um olhar positivo e

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida por Alfredo Carvalho Santos, em 1 de Março de 1997.

construtivo sobre o cotidiano dos PALOP, com o propósito, manifesto ou latente, de fazer com que os cabo-verdianos os conheçam melhor e se aproximem deles.

## O discurso jornalístico do VP sobre os países de língua portuguesa

Se esses resultados já são surpreendentes para pesquisadores dos *mass media*, para os intelectuais e os simples seguidores da comunicação de massa ainda são mais inusitados. Parafraseando Ignacio Ramanet, diretor do *Le Monde Diplomatique*, os paradigmas da comunicação e do mercado se tornaram hegemônicos, ao deslocarem os do progresso e da máquina, fazendo com que "a metáfora mecânica, herdada do século XVIII, ceda lugar à metáfora econômica e financeira".<sup>3</sup>

Vendo o mundo a partir dessa metáfora econômica e financeira, tudo gravita à volta dos critérios do lucro, benefícios, rentabilidade, concorrência e competitividade, ou, em outras palavras, o mundo se movimenta em função do poder econômico, monopolizado pelos países mais industrializados, associados no Grupo dos Sete (G7) e na União Européia (U.E).

Creio ser essa visão mercadológica do mundo a base da consolidação do conceito de notícia, consagrado pelas escolas de jornalismo, e que observa os critérios que, segundo Felipe Tarroba Bernaldo Quiros (Buenos Aires, 1968), todo o bom editor deve ter em consideração. Esses critérios são: "proeminência, celebridade das pessoas envolvidas nos fatos, importância das consequências, raridade do acontecimento, animação vital e interesse humano; rivalidade, conflito ou luta que o fato pressupõe; utilidade imediata do serviço informativo; entretenimento que proporciona".<sup>4</sup>

Tendo como base essa visão mercadológica do mundo e o conceito da notícia, a partir deles fica claro que os donos do capital financeiro internacional que são, ao mesmo tempo, os produtores das tecnologias de ponta, reúnem todas as condições para, no plano mundial, serem as principais manchetes das notícias internacionais divulgadas nas mídias.

Entretanto, essa tendência mundial não se materializa no jornal VP. Como referi antes, do espaço dedicado à publicação das informações internacionais, 14% coube ao conjunto Brasil-Portugal, 22% ao grupo dos países de língua portuguesa, 20% ao G7 e à União Européia, em conjunto, e 44% aos restantes países do planeta.

Portanto, para que a tese defendida por Ignacio Ramanet vingasse na produção jornalística do periódico analisado, o espaço da União Européia/G7 teria que, no mínimo, ultrapassar o ocupado pelos PLP. E isso não acontece.

<sup>3</sup> RAMANET, Ignacio, "Le système PPII", in *Le Monde Diplomatique*, N.º 242, Ètè 1995, Agosto 1995, p.6.

<sup>4</sup> QUIROS, Felipe Tarroba Bernaldo, citado por Medina Cremilda, *Notícia, um produto à venda*. São Paulo, Summus, 1978.

Perante esta constatação, tive que refletir e buscar outras vias de exame, para verificar se o método não me estava traindo. Até porque, para Cremilda Medina, crítica do método comparado, "houve uma preocupação conscienciosa pelo rigorismo quantitativo - pelo menos nos centros mais sérios e aparelhados de conhecimentos estatísticos. Mas a verdade é que os resultados davam um espelho muito pobre do que representa a mensagem em dada sociedade e momento"<sup>5</sup>.

Sendo assim, tentei buscar no conteúdo das informações analisadas a explicação para os resultados pouco comuns que a pesquisa estava revelando. A continuação seguem alguns extratos mais significativos e simbólicos.

## Conteúdos significativos ou simbólicos das unidades de informação

A análise de algumas unidades de informação dos 121 números do VP pesquisados, chama a atenção do pesquisador para algumas palavras-chave, significativas ou simbólicas:

*Visita oficial e de amizade; encurtar a distância física; relações de amizade; "A vontade política; sólida tradição de diálogo franco; colaboração fraterna; afinidades entre os romances "Chiquinho" (1947), de Baltazar Lopes e "Menino de Engenho" (1932), de J. L. Rego e considerado uma das mais importantes obras da "Literatura do Nordeste" do Brasil; reforço das nossas relações de amizade, solidariedade e cooperação"; compromisso histórico assumido na luta comum contra o colonialismo; ligações ... fundamentam-se na emigração; ponte humana entre (...) países; intercâmbio de pessoal especializado em artes; Brasil sugere "comunidade dos seis"; criar uma entidade cultural entre os 'Cinco' e o Brasil." (Pedro Pires, Primeiro Ministro de Cabo Verde): relações humanas, econômicas e culturais intensas; "A liberdade igualou-nos e aproximou-nos". (Primeiro Ministro Português Cavaco Silva):... "Portugueses e cabo-verdianos viveram em conjunto um ciclo histórico de quase cinco séculos que nos deixou expressões comuns em múltiplos domínios sobre os quais construímos, desde 1975, o futuro de cada um dos nossos povos. (...) A língua, a cultura e a história são poderosos factores de aproximação; "à amizade entre cabo-verdianos e portugueses". (Praia, Cidade Cosmopolita): Guineenses compartilham dificuldades económicas; guineenses visam melhorar situação económica de cada um deles [em Cabo Verde]; Na Praia, [guineenses] mantêm os seus usos e costumes; "Os santomenses residentes em Cabo Verde sentem-se como se estivessem no seu próprio país; "Muitos deles [santomenses] provêm*

<sup>5</sup> MEDINA, Cremilda. Op. Cit, p. 25.

*de uniões mistas, isto é, um cabo-verdiano que se juntou com uma santomense devido à emigração forçada para São Tomé, ao tempo colonial.(...) Suas festas religiosas coincidem com as de Cabo Verde; Angolanos [dizem que] Cabo Verde é excepcional; existem muitos pontos em comum entre os dois países; sentimo-nos felizes aqui em Cabo Verde; [angolanos] 'são pessoas muito simpáticas, receptivas e muito brincalhonas'; [Professora portuguesa residente em Cabo Verde há 63 anos]: "Sinto-me bem em Cabo Verde"; [Diplomata brasileira]: "O funaná tem muito em comum com o forró; a morna recorda-me o Samba-Canção"; Artur Pestana (Pepetela), sociólogo e escritor angolano: [Cabo Verde] é uma terra de que eu gosto; grande ligação entre Cabo Verde e Angola; ligação ultrapassa a ligação histórica, sentimental, de conjunto; muitas saudades da Terra-mãe; (...)colonizados sob o mesmo esquema de humilhação; Dany Silva: Músico cabo-verdiano que conquistou a lua de Lisboa; "Saudades apertam, mas sente-se em casa em Lisboa" ... Tóí Vieira: músico feliz nos palcos de Cabo Verde e Portugal. [Tóí Vieira] Já estou habituado [a Lisboa]. Mesmo, quando saio de Portugal tenho saudades das pessoas que deixo lá. Acontece-me sentir impressão igual quando parto de novo de Cabo Verde; Brasil reconhece o valor da comunidade cabo-verdiana; o cabo-verdiano se identifica muito com o brasileiro, não só no aspecto da língua, mas também nos costumes e hábitos; o cabo-verdiano integra-se plenamente e sente-se à vontade no Brasil. Eis a razão por que o cabo-verdiano não regressa e faz do Brasil a sua própria terra".*

## Para além da explicação da metáfora econômica e financeira

A análise de palavras e afirmações-chaves tanto do discurso dos agentes sociais das informações focados, como membros de governos (Primeiros Ministros de Cabo Verde, Portugal e Moçambique), personalidades de reconhecido mérito público (Artur Pestana - Pepetela, Daniel Benóni), e de homens simples, como os entrevistados nas reportagens publicadas sob o título "Praia, cidade cosmopolita", evidencia a existência de uma história e uma língua comum compartilhadas pelos povos desses países há quase cinco séculos. Pode-se até dizer que é mais do que uma história e uma língua comum: é um sentimento profundo que mergulha as raízes em séculos de contos dos que partiram querendo ficar, e dos que ficaram, querendo partir, todos envolvidos numa saudade mágica que nutre o mito da fraternidade e do eterno regresso. Exemplo elucidativo é a entrevista publicada sob o título: "Tóí Vieira: Músico Feliz nos Palcos de Cabo Verde e de Portugal". Na epígrafe "saudades que moem", ante a pergunta em Lisboa sente-se bem?, Tóí Vieira responde: "Sim. Estou habituado. Mesmo quando saio de Portugal tenho saudades das pessoas que lá deixo. Acontece-me sentir impressão igual quando parto de novo de Cabo Verde..."

Essa história comum começou com a chegada dos portugueses a Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, a partir da segunda metade do século XV e começou a dinamizar-se num ritmo mais intenso após a descoberta do Brasil em 1500.

Dos séculos XVI a XIX, por imperativos de desenvolvimento de Portugal, se estabeleceu uma economia atlântica, que conduziu a um constante e intenso movimento migratório entre cada um dos sete países de língua portuguesa: Portugal, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Brasil.

A partir desse movimento migratório se estabeleceu uma cultura mestiça, em maior ou menor grau, em todos esses países, inclusive Portugal, gerando, com o passar do tempo o que o ex-Primeiro Ministro Português, Aníbal Cavaco Silva, chamou de "*poderosos factores de aproximação que encerram planos de convergência positivos*"<sup>6</sup> que favorecem o dinamismo das relações entre eles.

Ainda nesta perspectiva de reconhecimento de comunhão entre esses países de língua portuguesa, eu estenderia a todos eles o que disse o sociólogo e escritor angolano, Pepetela, ao referir-se às relações Angola-Cabo Verde: "Há uma grande ligação entre Cabo Verde e Angola. É uma ligação que ultrapassa a ligação histórica, sentimental, de conjunto"<sup>7</sup> (p.142)."

A história de exploração pelo colonizador, tanto nas roças de São Tomé ou nas plantações e minas de Angola e Moçambique, de trabalho forçado nas ladeiras, estradas e matos da Guiné-Bissau e Cabo Verde, enfim toda essa história de humilhação, mas também de resistência passiva e aberta, gerou entre os naturais das colônias portuguesas da África esse *algo* a que se refere o poeta Pepetela e que eu prefiro chamar do *mito da fraternidade*.

O mito a que eu me refiro aqui é aquele com o qual trabalha Mircea Eliade, isto é, "essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje"<sup>8</sup>, essa narração viva que "fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência"<sup>9</sup>.

Digo mito da fraternidade no sentido em que, ao ouvir falar de um angolano, um santomense, um moçambicano ou um guinense, no fundo, o cabo-verdiano pensa nele mesmo, no pedaço dele, no irmão dele que partiu para um desses países há anos ou décadas e que lá tem filhos e netos. Não serão desses filhos ou netos do irmão de sangue que partiram há muito tempo que se fala agora como angolano, santomense, moçambicano

<sup>6</sup> "Visita de Cavaco Silva a Cabo Verde". *Voz di Povo*, n.º 727, de 29 de junho de 1988, Suplemento, p. II.

<sup>7</sup> "Pepetela: de Mayombe a Luegi". *Voz di Povo*, n.º 741 de 31 de agosto de 1988, p.4-5.

<sup>8</sup> ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo, Perspectiva, 1994, p.11.

<sup>9</sup> Idem, Ibidem, p.8.

ou guinense? Dizer que o cabo-verdiano ao ouvir falar de um angolano, santomense, guinense, moçambicano ou brasileiro pensa nele mesmo é, em menor ou maior grau, o mesmo que dizer isso de um angolano, guinense, santomense ou moçambicano. Afinal, o cabo-verdiano de segunda, terceira ou mais gerações, que vive em países como Angola, São Tomé, Moçambique ou Guiné-Bissau, seguramente estarão ou se sentirão, com frequência, divididos entre cabo-verdiano, angolano, santomense, moçambicano ou guinense.

Esclareço que esse mito não se refere apenas aos que compartilham laços sanguíneos, mas também àqueles que, abandonados ao desespero ou irmanados no sacrifício da luta pela sobrevivência, compartilham o mesmo destino.

Além desse mito da fraternidade, a história comum desses povos fez nascer uma cultura também comum, o que tem permitido um elevado grau de identificação do povo de um país com o que acontece com o povo de um outro país.

Aqui, tomo cultura no sentido dado por Shukman e utilizado por Santaella, isto é, como a totalidade dos sistemas de significação através dos quais o ser humano, ou um grupo humano particular, mantém sua coesão (seus valores e identidade e sua interação com o mundo). Esses sistemas de significação usualmente referidos como sendo sistemas modelares secundários (ou a linguagem da cultura), englobam não apenas todas as artes (literatura, cinema, pintura, música), as várias atividades sociais e padrões de comportamento, mas também os métodos estabelecidos pelos quais a comunidade preserva sua memória e seu sentido de identidade (mitos, história sistema de leis, crença religiosa etc.)<sup>10</sup>.

A história desses países de língua portuguesa gerou uma cultura e um mito comum entre os seus povos, junto com os quais é responsável pela circulação de um forte sistema simbólico<sup>11</sup>.

Pelo exposto até aqui, fica claro que a supremacia do espaço dos países de língua portuguesa sobre a U.E/G7 não encontra explicação através da metáfora econômica e financeira. Ela terá de procurar o principal suporte em algo de natureza diferente, sobretudo na circulação do capital simbólico.

Este capital simbólico, em circulação desde há séculos, encontra-se em câmbio nas bolsas de valores das *morna* e do *funaná* cabo-verdiano, do *kisomba* angolano, do *samba* brasileiro, do fado português, do *gumbé* guineense, do *bulauê* santomense e do *marrabenta* moçambicano, músicas e ritmos cantados pelos poetas e vividos pelas populações desses países, numa dinâmica intensa, através de intercâmbios de artistas como os brasileiros

<sup>10</sup> SHUKMAN, A. Citado por SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. Razão Social, São Paulo, 1992. p. 166.

<sup>11</sup> Sistema simbólico, aqui, deve ser tomado no sentido dado por Bourdieu, isto é, no da interação entre arte, religião e língua, que no ponto de vista dele atuam "como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos, como "formas simbólicas". BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*, Difrel, Lisboa, 1989, p.8.

Martinho da Vila, Joana e Elba Ramalho, a portuguesa Amália Rodrigues, os cabo-verdianos Bana e Cesária Évora, o angolano Bonga e a sua banda, e o conjunto guineense Tabanka Djazz etc.

Além desses artistas que, com alguma frequência, têm-se movimentado fisicamente entre os países de língua portuguesa como verdadeiros embaixadores da "cultura mestiça lusófona", as telenovelas brasileiras e os romances de conceituados autores como o brasileiro Jorge Amado, J. L. Rego, o angolano Pepetela, os cabo-verdianos Baltazar Lopes e Teixeira de Sousa, o moçambicano Mia Couto, a santomense Alda Espírito Santo, os portugueses Eça de Queirós, Fernando Pessoa e Luís de Camões, são bem conhecidos em cada um dos países de língua oficial portuguesa.

Essas obras de arte e da literatura geraram autênticos fatores de aproximação e de identidade entre os países de língua portuguesa. De entre essas obras, destaco os romances e as músicas que têm constituído autênticos bilhetes de identidade da cultura mestiça lusófona.

Destaco os romances porque, na expressão de Edgar Morin, "os grandes romances conseguem exprimir as múltiplas dimensões da experiência humana, as vidas interiores, os comportamentos numa sociedade, uma história num mundo, pondo ao mesmo tempo os problemas do destino humano, quer pela boca dos personagens, quer pela pena do autor, quer implicitamente"<sup>12</sup>.

Sublinho também a música porque, com os seus ritmos cadenciados e contagiantes e as letras simples, mas cheias de conteúdo, coloca na boca e no espírito dos cidadãos desses países de língua portuguesa um sentimento de irmandade e de solidariedade; um sentimento que projeta o homem para muito além da existência do aqui e agora; um sentimento que lhe deixa sentir que, talvez, do outro lado do mar, da montanha e do vale que o separa do ser e da terra de que fala a música, possa existir um pedaço dele mesmo.

## As virtudes do VP na aproximação ao países de língua portuguesa

O jornal *Voz di Povo* foi um aproximador estratégico dos tecidos sociais cabo-verdianos aos dos outros países de língua portuguesa. Durante a sua publicação, proporcionalmente, concedeu um espaço muito maior às informações referentes aos seis países, em comparação com o espaço reservado às informações sobre um grupo de 16 países, associados na União Européia e no Grupo dos Sete, o que constitui um fenómeno inédito no jornalismo. Isto porque num mundo dominado pela metáfora económica e financeira, onde o conceito de notícia é marcado pela proeminência das pessoas envolvidas e raridade dos fatos, esses dois grupos de países estão mais em condições de ocupar as páginas internacionais dos *mass media*.

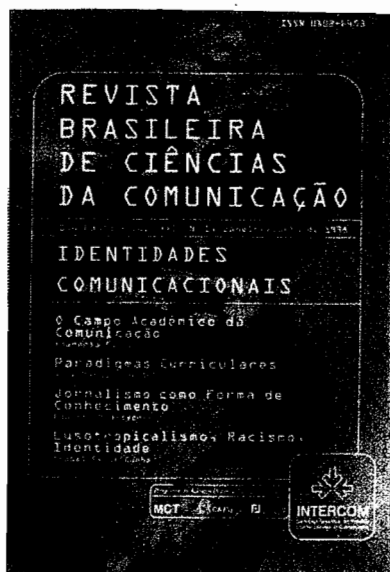
<sup>12</sup> MORIN, Edgar. *Os meus demónios*. Publicações Europa-América, Mem Martins (Portugal), 1995.



Os vestígios da aproximação entre povos lusófonos estão, por um lado, patentes nos discursos jornalísticos onde o poder é focado, sobressaindo todo um esforço em interpretar e sublinhar as marcas de identificação entre os projetos de Estado e sociedade suportados por cada um; por outro, nas frases simples do homem comum, que, espontaneamente, espelham a profundidade do sentimento, embebido no mito da fraternidade que nutre pelo homólogo do outro país de língua portuguesa.

O jornal esteve, ao longo dos anos, na busca de um maior equilíbrio entre os temas tratados, de forma a que o leitor passasse a conhecer não só a faceta política das terras do amigo e irmão, mas também a cultura, o esporte e a economia, num discurso carregado de marcas de afetividade e solidariedade.

A sua opção em revista científica  
de Ciências da Comunicação



Publicação semestral da Sociedade Brasileira de Estudos  
Interdisciplinares da Comunicação - Intercom

**Assinatura Anual: R\$ 50,00**

Preencha já o cupom de pedido que se encontra no final da revista e envie  
acompanhado de cheque nominal para:

**Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da  
Comunicação**

**Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 - Bloco B9 - Sala 2 - CEP  
05508-900 - São Paulo - SP**